



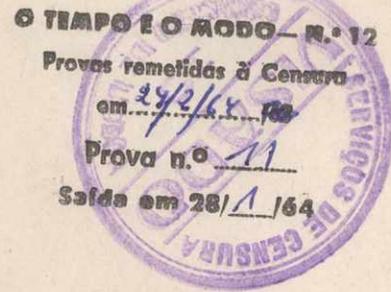
## TEORIA E PRÁTICA DOS FESTIVAIS

**S**E esteticamente, o cinema é um parente próximo das outras artes, uma quase total servidão diante de factores económicos e industriais traz-lhe problemas bastante originais na história da cultura.

Idealmente, um dos objectivos básicos dos festivais seria o de contribuir para a solução destas dificuldades, e por isso delas falaremos para começar.

O problema dinheiro-cultura em cinema vai muito mais longe do que se possa supor. Desde os tempos pré-históricos, todos os povos, por mais pobres ou desprotegidos, conseguiram chegar em todos os sectores e modalidades a formas artísticas de extrema densidade. O cinema é a primeira arte que nos aparece exigindo para um seu efectivo desenvolvimento uma estrutura técnica e económica característica dos países altamente industrializados. Temos assim que a arte que marcou este século só encontra condições suficientes para se manifestar em quatro ou cinco nações. Esta situação de desigualdade internacional conduz invencivelmente o cinema para uma forma ou outra de imperialismo (económico, político, cultural, racial, de formas de vida, etc.), impedindo o acesso a este meio de comunicação e de criação aos pequenos países e às populações sub-desenvolvidas, que passam a ser sujeitos passivos de propaganda e exploração. As grandes potências cinematográficas dividem o mundo em zonas de influência, e assistimos neste momento a um panorama escandaloso: por um lado, na África e na Ásia, passam-se acontecimentos decisivos para o tratamento dos quais o cinema, esteticamente, parece ter uma inata vocação de testemunho (quantos Rosselinis estarão adormecidos?) — por outro, nos grandes países industriais, o cinema é um objecto de produção em massa, estereotipado, abordando uma gama reduzidíssima de assuntos, de lugares, de camadas sociais. As histórias que, neste momento, maior interesse teriam (para ser realizadas, ninguém as faz, os grandes assuntos ficam sem o seu realizador. A solução desta penosa contradição não pertence evidentemente aos festivais. Estes representam contudo um lugar privilegiado de análise e divulgação. Em teoria pelo menos, nos festivais a irradiação de uma obra depende mais da sua qualidade própria que da força económica ou do prestígio cultural ou político do país que esta representa. A dimensão estética e humana do cinema encontra neles um porto de refúgio, onde não contam o star-system, as divisões de mercados, as censuras, as alfândegas, as zonas de influência.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
GORTES



os filmes premiados eram substancialmente inferiores à obra de Manuel de Oliveira. Uma fita pelo tema muito aparentada com o Acto, a Electra, de Cacoyannis, foi premiada em Cannes, apesar da realização informe, superficial, arbitrária.

A discriminação atinge também os regulamentos e a sua interpretação. Veneza estabeleceu um sistema de quotas que favorece apenas os países grandes produtores. Em vez de um critério de qualidade, atende-se à quantidade de filmes realizados por ano e por país. Deste modo 4/5 do festival fica nas mãos de três ou quatro nações ocidentais. Como se isto não bastasse, enquanto os pequenos países são obrigados a depositar as obras com grande antecedência para serem submetidas a um júri de admissão, certos realizadores atrasados e de prestígio passam por cima deste tribunal, apresentando as obras na véspera da sua exibição, ou ainda, como aconteceu em 1962, as fitas de Losey e de O. Welles não conseguem chegar a tempo, apesar de já oficialmente inscritas.

Razões para estas deficiências e injustiças? Remédios?

Por necessidades publicitárias e diplomáticas os júris estão longe de reunir um elenco competente de especialistas. São frequentes as estrelas, os escritores na moda, os cineastas de segunda ordem, os delegados oficiais.

Sendo os principais festivais organizados pelos países mais directamente interessados nos seus resultados, o imperialismo económico e cultural acaba por se sobrepor aos seus fins naturais. Os franceses dão prémios aos italianos para os receberem destes, os russos protegem em Moscovo os artistas que lhe são úteis, os americanos criam um festival próprio por não confiarem nos alheios.

Um princípio de solução seria a criação de um grande festival num país colocado fora destes jogos de pressão, sob a égide de uma associação cultural independente e verdadeiramente internacional, assistida por adequados meios financeiros e de informação.

Até lá há que pela vigilância, melhorar os festivais que já existem, e que são ainda, apesar de tudo, uma das facetas mais positivas do cinema actual. Lembremo-nos que sem o Festival de Cannes, La Dolce Vita, que estava a encontrar dificuldades de exibição na própria França, teria tido carreira muito mais limitada. O próprio ministro que a ela se opunha foi obrigado pelo protocolo a entregar a Fellini o galardão mor.

PAULO ROCHA

H

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

## PAULO VI E ATENÁGORAS

O encontro, na Terra Santa, do Papa de Roma com o ~~Papa~~ de Constantinopla, tem um significado para o mundo, que se não resolve só com a análise do alcance religioso de tal gesto. Aliás o religioso só tem sentido se é simultâneamente humano e, paradoxalmente, plena e totalmente humano.

Roma, pela voz veneranda do bom Papa João, comprometeu-se com as formas concretas de realizar a Paz. Paz é equilíbrio de movimento e a encíclica **Pacem in Terris** ensinou-nos, se assim podemos dizer, a nova problemática da Paz e o dinamismo dos termos de que a Paz tem de provir (mensagem natalícia de Paulo VI, 1963). Não basta, com uma «ordem tranquila», porventura de invenção particular, aguardar que os homens se convertam à nossa paz. Os próprios políticos já compreenderam que Paz, não pode consistir na imposição de uma qualquer ordem concreta: «Que espécie de Paz procuramos? Não a Paz americana imposta ao mundo pelas armas de guerra americanas. Não a Paz do túmulo nem a segurança do escravo.» (Kennedy, Discurso à Universidade Americana, 10-VI-62).

Ora o Cristão sabe que luta pela implantação da Paz que não é a minha, a tua ou a nossa, mas a Paz que Cristo nos dá, Paz verdadeira, que se opõe à paz que dá o mundo pois esta é feita de ordem aparente, exterior, sem cuidar da ordem dos espíritos, do respeito do homem e da sua dignidade.

A Paz Romana, do tempo dos Césares, era uma paz feita de exterioridades. O que importava era conservar o predomínio imperial, e por este modo, evitar lutas e efusão de sangue. (Seria deste tipo a tal Paz Americana que Kennedy repudiava!) Ora quere-nos parecer que, certas influências constantinianas, haviam dado a Roma uma consciência de fautores de uma nova Paz Romana que, herdando o nome, conservava ainda muito de imperial! Não chamaram os Papas a si um sem número de honras e funções que eram apanágio do Imperador? Não se considerou (e considera ainda em certos meios!) como único caminho de paz e unidade cristãs o regresso a Roma dos separados? A conversão ao catolicismo romano dos dissidentes na fé e na vida? Regresso e conversão encarados sempre de grito unilateral?

Ora o gesto de Paulo VI vem dar fim a toda uma era de orgulho e suficiência. A Igreja é divina, na sua fundação e na Vida sobrenatural que a anima; mas é totalmente humana — pois são homens que a constituem — e aparece, concretiza-se, nos cristãos pecadores que somos todos nós. Nenhum fiel, por mais ortodoxo que seja, pode dispensar-se de regressar e converter-se a Cristo, a todo o instante da sua vida. Não são os orientais ou os protestantes (ou os judeus, ou os maometanos ou os

H Patriarca

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

O TEMPO E O MODO - N.º 12

Provas remetidas à Censura

em 29/2/64

Prova n.º 16

Selada em 28/1/64



DULCINEIA, de Vicente Escrivá

SE de um vinho se tratasse, teríamos de louvar os organizadores ao escolher este filme de Vicente Escrivá para abrir o Festival — tal como nas bodas de Caná. Dá-se, porém, o caso de o referido Festival ser cinematográfico e não vinícola: quero com isto dizer que para gargantas secas qualquer vinho serve, mas não tal filme para um público sequioso de obras-primas ou, pelo menos, de bom cinema.

Com efeito a atribulada cinematografia espanhola, que entre dois «cuplés» consegue produzir obras como a Viridiana, de Buñuel (proibida no país de origem), serviu-nos agora esta pretensiosa Dulcineia (duplamente premiada no mesmo país), que está longe de poder matar aquela sede.

E se lhe chamo pretensiosa é porque o é, para começar, a encenação «à Bergman» ou, mais precisamente, à maneira de O Sétimo Selo. Pretensão evidentemente votada ao malogro, pois aquele filme é o aguentar magistral de um equilíbrio instável, uma experiência irrepitível que não se compadece de transposições arbitrárias para as planuras manchegas. Se juntarmos a isto a influência de outro grande criador, o já citado Buñuel (que me parece evidente, por exemplo, na cena dos mendigos), teremos uma ideia de como é gratuito todo o processo de dar corpo à obra.

Há depois o argumento, que toma como ponto de partida o D. Quixote mas pouco ou nada lhe acrescenta, o que é aliás compreensível e desculpável; isto sob um determinado ponto de vista, porque debaixo de outro acrescenta-lhe até demasiado. De facto são-nos narradas as mirabolantes metamorfoses por que passa Aldonça, jovem mulher perdida que, sob a influência longínqua do Cavaleiro da Triste Figura (a quem não chega a ver, conseguindo apenas ouvir-lhe, indistintamente, as últimas palavras) muda o seu nome para Dulcineia, adquirindo acto contínuo uma nova personalidade. Transformada, assim, em ~~santa~~-heroína virá a acabar como nova Joana d'Arc, com julgamento por bruxaria (não se chega a perceber muito bem porquê), túnica, cabelo cortado e tudo. Porque se vai recusar a admitir que é Aldonça e não Dulcineia, apesar das desmistificantes provas apresentadas pelo tribunal, será condenada à fogueira, não sem antes trazer ao bom caminho um transviado e luciferino frade mendicante que vai assistindo às suas prodigiosas transformações; e assim acaba a história. Felizmente, pois se fosse mais longa talvez assistíssemos ainda à transformação da heroína numa que noutra figura histórica ou de ficção.

Por detrás de todo este empolamento temático e formal, da mistura de Cervantes e Bergman e Buñuel e não sei que mais, jazem os apelos e denúncias que constituem as boas intenções da obra. Mas é o seu lado convencional que nos é dado, o desfiar de coisas já muito ditas e que são, apesar de tudo, fáceis de dizer (mesmo em Espanha).

O aspecto mais positivo do filme ainda é a fotografia de Godofredo Pacheco, cujas imagens são por vezes bonitas, em contraste com a música de Giovanni Fusco, que é consistentemente muito má. E quando, na «venta», assistimos à representação do «retablo» de Maese Pedro (aliás flagrantemente discordante, na técnica e nos processos, do original cervantino) não pude deixar de me lembrar do espanholismo autêntico da música do último Falla, qualidade que não encontro nesta película. Grandiloquência, isso é que não lhe falta...

JOSÉ MARIA TORRE DO VALLE

1

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

O TEMPO E O MODO - N.º 12

Provas remetidas à Censura

em 24/2/64

Prova n.º 18

Saida em 28/1/64

A NOITE, de Antonioni

NÃO é evidentemente por acaso que o filme começa no hospital, à cabeceira dum doente. É importante que isso aconteça: assim se estabelece desde o início um clima mórbido que se há-de insinuar pelo tempo adiante, e se provoca um útil confronto entre os protagonistas e o moribundo. Este luta, com a lucidez e a vivacidade dum espírito são, contra a derrocada do corpo; aqueles, não obstante toda a sua saúde corporal, agitam-se atormentados não se sabe bem por que males; e, frente ao canceroso, recortam figuras porventura mais depauperadas.

O enfermo tem a doença diagnosticada e o fim iminente: não há segredos quanto à sua sorte e a ela o abandonamos, decorrida a introdução. O resto do filme consiste numa paciente observação do casal protagonista e conduz implicitamente a um diagnóstico e uma condenação. Mais: à localização do foco epidémico onde se origina aquela espécie de cancro social de que ambos padecem — mundo de negócios, grande indústria, Noite sem astros da plutocracia.

Porque de observação (no sentido clínico) se trata, muito há de objectivo na linguagem usada por Antonioni: a narração linear, a deliberada inexpressividade dos diálogos (mesmo assim, com duas ou três cenas escusadamente prolixas), a sobriedade da interpretação, a preponderância de planos gerais ou de conjunto, a economia de movimentos de câmara, o ritmo repousado da montagem. E é bom que assim seja, pelo que daí se lucra em contenção dramática e liberdade para a nossa visão.

Mas por debaixo deste realismo de superfície esconde-se (?) um filão precioso, aquilo que confere à obra valor artístico de excepção: um constante dialogar — contraponto é o termo ideal — entre as pessoas e as coisas, entre personagens e cenário (ruidos e figuração inclusive), que nos abre vias de acesso a verdades mais secretas, insusceptíveis de definição literal e, por isso talvez, decisivas para a inserção da trajectória evolutiva dos caracteres num plano trágico eminentemente actual. Tragédia da dualidade entre o que se quer e o que se tem, entre o que se sente e o que se diz, entre a ânsia e a escolha — tragédia dos conformados, dos meio-adaptados, dos aborrecidos...

JOÃO PAES

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

Provas remetidas à Censura

em... 27/2/64

Prova n.º 37

Saída em 28.1.64



tuguês, das suas exportações depende em grande parte o equilíbrio da balança de pagamentos portuguesa, afectada em regime crónico pelo déficit comercial metropolitano. Consideremos a distribuição geográfica do comércio externo ultramarino: os números que a exprimem indicam que o mercado metropolitano não pode constituir base suficiente para assegurar a expansão dessas exportações, expansão essa de que depende decisivamente qualquer progresso económico nesses territórios justamente apelidados pelo Ministro Corrêa de Oliveira como «regiões ainda subdesenvolvidas». No caso de Angola, apenas 20 % das exportações são absorvidas pela Metrópole, que é o terceiro comprador, precedido pela C. E. E. (Mercado Comum) e pelos Estados Unidos, e seguido pela E. F. T. A. Para Moçambique, o mercado metropolitano continua a ser o mais importante, mas a sua posição relativa enfraqueceu consideravelmente nos últimos 3 anos, enquanto aumentava em mais do dobro a quota-parte dos países africanos vizinhos, vindo em seguida os países da E. F. T. A., os do Mercado Comum e os Estados Unidos. Quanto a S. Tomé e Príncipe, é sabido que mais de 70 % das suas exportações são dirigidas para os países do Mercado Comum.

Ora sucede que a E. F. T. A. não prevê qualquer modalidade de associação para os territórios ultramarinos. A C. E. E., pelo contrário, prevê para os territórios africanos um regime de associação que lhes permite beneficiar de preferências comerciais no Euromercado e receber substancial ajuda financeira e técnica.

Em 20 de Julho passado foi assinada em Yaoundé uma nova convenção, válida por cinco anos (1964-69), entre os «seis» do Mercado Comum e os «Dezoito» Estados Africanos e Malgaxe, cujo objectivo essencial é permitir o desenvolvimento económico e social desses países, e cujas principais características são a livre circulação de produtos e a cooperação financeira e técnica. Um aspecto importante

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
GORTES

Provas remetidas à Censura

em... 27/4/64

Prova n.º 32

Saída em 28/4/64



desta Convenção é o seu carácter paritário: a Comunidade Europeia e os Estados Africanos intervêm com igualdade de direitos na realização e execução da Convenção de Yaoundé, donde decorre que as nações europeias não podem ser as únicas responsáveis pela gestão. Neste contexto foram criadas instituições próprias: O Conselho de Associação, assistido pelo Comité de Associação; a Conferência Parlamentar da Associação; o Tribunal Arbitral da Associação.

★

Esta institucionalização de um regime preferencial das nações da C. E. E. relativamente a estes Estados africanos constitui uma séria ameaça para as exportações do Ultramar português. E essa ameaça avoluma-se se considerarmos a hipótese de outros países africanos virem a beneficiar das vantagens daqueles que já se encontram associados ao Mercado Comum. Hipótese provável, como o demonstra o facto da Nigéria — o maior país africano, pelos seus recursos demográficos e económicos — já ter solicitado a abertura de negociações com a C. E. E. a fim de concluir com ela um acordo sobre o comércio de alguns produtos essenciais, como o cacau, as oleaginosas e as madeiras tropicais. Calcule-se as repercussões no mercado de exportação de S. Tomé, Angola e Moçambique, se — por exemplo — o sisal do Tanganica logra obter preferências semelhantes às que a Nigéria se prepara para obter relativamente aos seus produtos.

★

E à luz destes factos que compreenderemos a amplitude da tarefa defrontada pelo Ministro de Estado quando se propõe «fazer compreender esta posição especial de Portugal».

M. C.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES



MÁRIO SOARES

O TEMPO E O MODO tem um ano de existência e publicou onze números, embora os últimos tenham saído com considerável atraso. Ao cabo desta jornada, de um ano de actividade, impõe-se uma breve paragem reflexiva que nos obrigue a meditar sobre o valor do esforço dispendido e sobre a sua eficácia. Valeu a pena? Não interessa agora, apenas, a resposta intencional do Poeta — visto que as nossas almas, se o seu tamanho se pode medir pelas dificuldades vencidas, não são, comprovadamente, pequenas... Interessa sim uma resposta que implique um exame de consciência sobre a fórmula de revista que quisemos fazer e sobre aquilo que realmente fizemos / ~~dadas as dificuldades próprias e as que nos são próprias.~~

O TEMPO E O MODO, desde o seu primeiro número, definiu-se como uma revista de convivência e de diálogo e também como uma revista de crítica e de intervenção. Quer isto dizer que as pessoas que a constituíram, embora se reconhecessem como ideologicamente diferentes, — e daí a necessidade de convivência e o interesse do diálogo — pensavam ter, entre si, em comum, suficientes coisas para poderem criticar e intervir com utilidade. Assim, não se tratava de justapor concepções díspares ou de alinhar paralelamente argumentos que se desconheciam uns aos outros; muito menos se tratava, ainda, de reduzir as divergências confessadas a um ~~importante~~ denominador comum. Tratava-se de considerar que, para além dos pontos de vista particulares, de natureza filosófica ou religiosa que certamente haviam de persistir, alguns dados de facto existiam que singularmente as aproximavam e quase identificavam. Quais eram esses dados? — ~~O mesmo espírito de oposição a uma realidade económica, social e política profundamente destruidora dos valores humanos, o mesmo espírito de tolerância e de respeito pelas opiniões dos outros, desde que expressas com isenção e desinteresse pessoal; uma concepção unitária da hierarquia dos problemas nacionais, em ordem de importância e prioridade e dos modos práticos de atacar a sua resolução.~~ Estes dados, enquanto comuns, são, evidentemente, conjunturais. ~~Daí que O TEMPO E O MODO se conhecesse como uma revista de conjuntura, ou melhor: como uma revista que sendo um reflexo da conjuntura presente, pretende reagir contra ela com todas as suas forças. A conjuntura que, dizer necessariamente~~

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)  
AUTORIZADO COM CORTES  
mantem-se o cont.  
especialmente  
10 RT  
especialmente  
a agul.  
RT.

mantem-se o cont.  
RT

10

Provas remetidas à Censura

em 27/2/64

Prova n.º 35

Saiu em 28/2/64



~~que, modificada a conjuntura, O TEMPO E O MODO perca a sua razão de ser. Os laços criados de companheirismo, a confiança recíproca estabelecida, podem bem constituir um capital que resista à desagregação natural e venha a possibilitar um novo acordo. O tempo dirá qual o modo a seguir...~~

~~Porém, todo o diálogo pressupõe liberdade — que é a sua primeira e imprescindível condição. Nesse sentido, também, O TEMPO E O MODO tem reflectido as contingências destes nossos apertados tempos. Muitos dirão que a formula será porventura boa, mas que à míngua de resultados conseguidos deverá ser revista e de novo aferida. Outros terão sido mesmo mais radicais, negando-lhe validade e eficácia intrínsecas.~~

~~Por mim, já que é um depoimento pessoal que se pede, sou de parecer que a experiência valeu a pena e que há que lutar porajustamente pela sua continuidade. Com O TEMPO E O MODO alguma coisa de novo surgiu~~

~~na vida cultural portuguesa e velhas divisões, sem real significado no presente, foram definitivamente enterradas. Claro que o diálogo é difícil, sobretudo quando se está sujeito a contingências e a intervenções que nos transcendem, como no caso presente. Muitas vezes, são tantas as dificuldades e geram tantas e tão graves incompreensões que apetece mesmo desistir. Por outro lado, quando nos fechamos, cada um, nas nossas torres de marfim, encerrados nas nossas próprias verdades, — é tão fácil, tão cómodo e tão simples tudo... Mas que resulta daí? Que progressos conseguimos no caminho que forçosamente havemos de fazer em comum? É meditando nestas simples interrogações que volto à necessidade da convivência, com todas as suas inevitáveis dificuldades e riscos. Riscos, pois claro, mas conscientemente assumidos — e em perfeita boa fé!~~

~~O TEMPO E O MODO é uma experiência em marcha: tem suscitado hesitações, erros, deficiências de vária ordem e, a par disso, tem dado lugar a alguns talvez inevitáveis equívocos e confusões. Tudo isso é certo. Mas constitui também uma experiência de convívio entre pessoas geralmente afastadas que é nova na nossa terra, que é única e que, espero, dará os seus frutos. Merece por isso ser acarinhada pelas pessoas atentas. O que não exclui as críticas que de boa fé lhe possam ser feitas — e que só a fortalecem...~~

*mantido em corte R +*

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO COM CORTES



Provas remetidas à Censura

em 27/2/64

Prova n.º 36

Saída em 28/1/64



*Válida o corte  
a vermelho  
R.T.*

MÁRIO DIONÍSIO

**N**ÃO ajamos sem pensar, nem pensemos esquecendo que, de um modo ou de outro, o pensamento é sempre acção. Deveremos pensar e agir ignorando os outros? Quem tiver verificado algum dia que as primeiras impressões são geralmente enganosas, que não há apenas eu e os outros nem sequer nós e os outros porque há sempre em nós muito dos outros e nos outros muito de nós mesmos, cedo ou tarde entenderá a necessidade fundamental de confrontar opiniões diferentes ou (porque não?) opostas, de, lado a lado, as expor, as discutir e aprofundar. E mais não seria preciso para apoiar uma revista como O TEMPO E O MODO e nos sentirmos contentes por ela existir e prosseguir.

Terá riscos o facto de tal confronto ser proposto e realizado apenas por um dos sectores de que naturalmente se compõe um panorama cultural? Responderei que sim. Mas disso não pode ser responsabilizada, certamente, esta revista. Nem isso me impedirá de pensar e de dizer que sua existência me parece de grande utilidade e me merece a mais rasgada simpatia.

No seu primeiro aniversário, sinceros parabéns a O TEMPO E O MODO! E que o seu exemplo frutifique.

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)  
AUTORIZADO COM CORTES

*1A*

*6*

*Nº 12 (?)*

Provas remetidas à Censura

em 27/2/64/68

Prova n.º 39

Saída em 28/1/64

DAR E RECEBER

Anunciaram-se oficialmente as visitas a Portugal de Jean Lartéguy e de Fraga Iribarne; um é romancista e o outro é ministro da Informação do governo espanhol. Os motivos de tais visitas não foram revelados.

Ambos são personagens interessantes. Jean Lartéguy, autor de *Os Centuriões*, faz-se passar por um novo Homero que cantasse as contradições e tragédias dos exércitos coloniais, condenados a serem injustos e derrotados. Iribarne representa no país vizinho a tendência dita liberal e democratizante, isto é, pro desenvolvimento económico, Mercado Comum e reforma dos costumes políticos.

A que vieram? O escritor talvez em busca de inspiração. O ministro talvez na esperança de inspirar. As circunstâncias locais fundamentam as duas hipóteses. A meditar.

V. P. V.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

O TEMPO E O MODO - N.º 12

Provas remetidas à Censura

em 27/2/64

Prova n.º

Saída em 28/1/64



AS INEVITÁVEIS CONTRADIÇÕES

Lord Home, primeiro-ministro da Grã-Bretanha, prestando declarações no seu regresso dos Estados Unidos, afirmou à imprensa e ao mundo que temia menos um comunista gordo do que um comunista magro. A continuar o raciocínio acrescentou que não era política do governo de Sua Majestade deixar de comerciar com Cuba, impedir a admissão da República Popular Chinesa na O. N. U. e iniciar desde já a força multilateral nuclear da N. A. T. O.

Verifica-se que o presidente Johnson queria precisamente o contrário e se vê abandonado pelos aliados mais fiéis na sua política cubana e chinesa. Nada obtivera de De Gaulle e de Franco. A Tito fora já uma ilusão pedir. Agora a pátria-mãe, por intermédio do aristocrático Alexander Douglas-Home, fechava a última porta. Com boas maneiras, mas fechava. Terminara um processo histórico.

Que pensar, porém, de tudo isto? A Europa corta o cordão umbilical pouco a pouco. Negociará com Cuba, ~~porque não crê que a revolução cubana possa ser abatida sem uma guerra mundial.~~ Reconhecerá a ~~opção~~ Mao-Tsé-Tung, porque — diz — a China é uma realidade. Não integrará os seus exércitos na força multilateral, porque estima a sua independência. Motivos sinceros ou pretextos diplomáticos? Ou será que perante poderes cada ano mais fortes prefere salvaguardar posições económicas e políticas? E não se estará a iludir? Resta que o desacordo se tornou patente.

Todavia, o presidente Johnson, empurrado pela ala dextra e conservadora e em época eleitoral, não dispõe de soluções de alternativa. Permanecerá intransigente. Sacrificará o povo cubano e não reconhecerá a República Popular Chinesa. Mas os sacrifícios são inúteis. E poder-se-á não reconhecer que a água ferve a 100 graus centígrados? Entretanto deterioram-se as alianças até hoje incondicionais. Impossível estar pelo vento e contra o vento, contradições inevitáveis.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM CORTES

V. P. V.

J



## «ESPRIT» E «O TEMPO E O MODO»

NO prospecto que anunciava ao público o aparecimento de uma nova revista em Portugal — O TEMPO E O MODO — afirmava-se, entre outras coisas, que ela não seria confessional, muito embora lançada por uma editora católica, dirigida por um católico e com vários colaboradores católicos; que não seria uma revista política, precisando-se que tal restrição visava apenas o restrito sentido daquele termo; que não seria uma revista de monólogos e citava-se de Emmanuel Mounier a asserção de que não há monólogos, pois que sempre alguém nos escuta. Dizia-se que a Revista pretendia estar aberta *«a todos os que em inquietação e em esperança se debruçam sobre a realidade e o povo português»*. Dizia-se que O TEMPO E O MODO procurava ser uma revista de diálogo.

No primeiro editorial escrevia-se que havia a pretensão de lutar *«a nosso modo e também contra a geral desordem estabelecida»* e dava-se a primazia, sobre as necessidades materiais e técnicas colectivas em que se baseia o desenvolvimento da Pessoa Humana, a uma concepção libertadora e progresiva desta e da História — que o é de todos nós. (Cf. n.º 1, Janeiro de 1963, pág. 1.) No editorial de Fevereiro (cr. n.º 2, Fevereiro de 1963, págs. 1-2) falava-se de *«estreita colaboração entre cristãos e não-cristãos, unidos numa mesma aventura que uns e outros aceitam integralmente, a que uns e outros integralmente se dão»* e acentuava-se a novidade disso (no editorial do n.º 5 (Maio de 1963) se frisaria que essa estreita colaboração não excluía pontos de vista diversos e até reais divergências). E, ao falar-se — ainda no mesmo segundo número — nas crenças e esperanças que eram nossas destacava-se que elas constituíam — frase de Mounier — *«a certeza da nossa juventude»*.

Para tudo resumir, o editorial do n.º 5 (cf. n.º 5, Maio de 1963, págs. 1-5) falava de *um humanismo interventor*. Perante um facto concreto — o Acordo de Moscovo — esse humanismo manifestava-se unânime no primeiro editorial — tomada de posição: saudávamos o Acordo acentuando, embora, as *«graves e justificadas inquietações com que, à luz do debate sino-soviético, este era encarado pelos países sub-desenvolvidos»* (cf. n.º 8, Setembro de 1963, págs. 1-2).

Para bom entendedor meia palavra basta e aos bons entendedores que todos procuram ou procuramos ser bastou o que estava dito e agora foi recordado para estabelecer um paralelo entre esta revista e a revista francesa *Esprit* que, fundada em 1932 por Emmanuel Mounier, tem desempenhado, desde essa data até hoje, um papel de primeiro plano na vida intelectual francesa.

Para o leitor, mais desprevenido ou menos informado, lembramos o

42

78

ambigua«Cortado»este artipo

R.F.



que havia de comum:

1 — *Esprit* fora a primeira revista europeia a unir cristãos e não-cristãos, a ser uma revista de unidade, de confronto entre crentes e não-crentes. Mounier estabeleceu nela uma colaboração pluralista, querendo significar que «as posições comuns não eram uma espécie de mais pequeno denominador das posições de cada um, mas como que uma imagem virtual, onde se encontram muitas visões diferentes, visões em que cada um vê o ponto de convergência a uma luz, a um cambiante e a uma perspectiva próprias»<sup>1</sup>. Ao longo de trinta e dois anos de existência

<sup>1</sup> E. Mounier, Relatório Confidencial enviado ao Arcebispo de Paris, in Emmanuel Mounier, Ed. Liv. Moraes, pág. 332.

(apenas interrompida, pela censura nazi, entre 1941 e 1944) a Revista deu magnífico exemplo dos frutos que de uma tal colaboração se poderiam colher.

2 — Em consequência, *Esprit*, embora os três directores que conheceu fossem católicos (depois de Mounier, Albert Béguin e actualmente Jean-Marie Domenach) nunca foi uma revista confessional. Mounier afirmou mesmo que ainda que todos os colaboradores da Revista fossem católicos, ela não seria confessional, e apresentou duas fortes razões em favor dessa opção: primeiro, porque nem tudo o que se diz cristão e se reclama do Cristianismo mantém igual fidelidade ao espírito cristão e ao espírito do Cristianismo, antes servindo tais epítetos — as mais das vezes — para o misturar com algo que eventualmente dele se distancia; segundo, porque, tentando um combate particular e uma experiência particularíssima se não quis que pudesse haver confusões à roda de atitudes concretas e concretas opções que os colaboradores da revista fossem chamados a tomar.

Cumprê realçar que nunca esta ou aquela solução foram apresentadas por *Esprit* como consequência lógica do postulado cristão, como também que os colaboradores católicos da Revista nunca se sentiram diminuídos no seu catolicismo por tal facto: *nem semi-católicos, nem neo-católicos, filhos da Igreja, simplesmente*<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Texto citado, op. cit., pág. 344.

3 — Expressões como «*primado da Pessoa e da História humanas*», «*desordem estabelecida*» ou outros, que, por aqui e por ali, é possível res-pigar quer em editoriais, quer em artigos de alguns colaboradores de

COMISSÃO DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

2

COMISSÃO DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



O TEMPO E O MODO pertencem ao vocabulário de Mounier e da sua Revista. Também ela nasceu para lutar contra outra desordem estabelecida, contra o espírito burguês, contra a injustiça «*mais chocante do que a desordem*»<sup>3</sup> e procurou exprimir-se através do que o seu fundador

<sup>3</sup> Cf. E. Mounier, *Refaire la Renaissance in Revolution personaliste et communautaire*, pág. 20.

chamou «*revolução personalista e comunitária*». Só ela foi considerada como tendo a possibilidade de salvar os valores humanos<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> ... Para o futuro — diz Mounier — o problema já não consiste em escolher entre a revolução e as meias medidas, mas entre a revolução que salve os valores humanos e a que os estrangula... Uma mudança radical sempre se observou uma revolução. Se se tem medo da palavra é porque se tem medo da coisa (op. cit., págs. 188-189).

Ao enunciar o triplo sentimento que ditou a saída de *Esprit*<sup>5</sup> Mounier escrevia que havia coisas a pensar e a dizer que se não podiam escrever em qualquer outra revista e que «*a todos nós, pianistas de 25 anos faltava um piano*»<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Os outros sentimentos eram: *O sofrimento cada vez vivo de ver o Cristianismo solidarizado com a desordem estabelecida e a vontade de perfazer uma ruptura, a percepção de uma crise total da civilização* (op. cit. pág. 204).

4 — Também *Esprit* fugiu a um qualquer partidarismo político concreto, e, muito embora, em sentido lato, ela possa ser classificada de revista política, eminentemente política, muito embora os seus colaboradores tenham tido diversas e concretas opções políticas, tenham aderido a diversos partidos políticos, *Esprit* nunca defendeu este ou aquele desses partidos, *enquanto tal*, nunca se inseriu numa estrutura política determinada.

Todas estas analogias — porventura mais intuídas do que explicitadas em muitos dos que nos lêem — bastaram, como atrás dissemos, para aparentar O TEMPO E O MODO àquela revista francesa e, quer sob a forma de elogio, quer sob a forma de ataque — consoante às ópticas e as coordenadas — muitos foram os que insistiram — pública ou particularmente — na imagem.

Depois de convirmos que ela se mostra tentadora e aliciante — e as transcrições, comentários e paralelos acima feitos não têm outro fim que não seja o de demonstrar a parte de razão que lhe assiste — convenhamos agora — ou isso tentemos — que o paralelo tem os seus riscos e pode

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

3

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO



ser apenas parcialmente válido. Tentemos, pois, destacar — já que a nosso ver elas têm igual ou maior importância — as diferenças, muitas e evidentes, que separam uma experiência do tipo O TEMPO E O MODO de uma experiência do tipo *Esprit*.

São elas que passamos a equacionar nos pontos que seguem:

1 — *Esprit* foi e é uma revista doutrinária, que se reclama de uma doutrina filosófica, a saber o personalismo. E, muito embora o personalismo procure ser mais uma atitude do que um sistema, exactamente porque assera no que na pessoa é livre e incontrollável, cabe sempre nele aquele mínimo doutrinal que pode servir de base à estruturação de *um pensamento comum*. Por outras palavras, os colaboradores de *Esprit* admitiam, à partida, um número de pressupostos filosóficos e outros que os irmanavam. Definiam *um pensamento* que invocava o primado do espírito, expunham *uma pedagogia*, visavam *uma acção* que lhes fosse própria.

Nada disto encontramos numa tentativa como a de O TEMPO E O MODO. Donde, em parte, a sua fraqueza, donde, em parte, a sua força.

Admitindo — como *Esprit* — uma colaboração pluralista, católicos e não-católicos (e podia continuar-se a associar por contraste), O TEMPO E O MODO apareceu não como revista de pensamento comum, mas, sobretudo, como *mesa redonda*, em que se não serve unânimemente nem uma só pedagogia, nem uma sistemática acção. Nessa mesa redonda se sentam pessoas vindas de variados sectores, unidas *apenas* pela mesma inquietação frente a uma dada realidade, pelo mesmo inconformismo na aceitação dessa realidade, pelo mesmo desejo de estudar os problemas concretos e urgentes dessa realidade — uns já convencidos de concretas respostas, outros hesitantes na procura delas. Pode uma tão vaga e frágil união prestar-se, sem dúvida, a alguns riscos e não será dos menores aquele confusãoismo que já nos tem sido — e com certa razão — assacado. O TEMPO E O MODO — e eis a sua fraqueza — arriscava-se a aparecer como tribuna livre, onde as mais diversas pessoas vêm arengar um pouco sobre não tão diversos assuntos. O público que as entenda, o público que se entenda nesta encruzilhada.

Que nos propõem então? Que a revista se clarifique, dizem, que a obscuridade é a mãe de todos os vícios. Ao que cabe objectar com o seguinte e que talvez seja a nossa força. Que num «mundo» muito estreito e muito comprimido, as pessoas ouvem-se mal quando falam de — ou para — grupos estanques. Apesar, ou até por causa dessa compressão. Que num «mundo», assim, o tu-cá-tu-lá — ou você-cá-você-lá — pode dar frutos, mas arrisca-se a cavar ainda mais o fosso que alguns têm interesse em manter cavado e fundo. Que vale bem a pena sentar pessoas em

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

4  
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

torno de uma mesa — O TEMPO E O MODO — e deixar que elas aprendam a ouvir-se umas às outras — que aprendamos a ouvir-nos uns aos outros — mas de perto, da proximidade que dá o estarmos todos empenhados numa obra em comum. Um diálogo desses pode dar origem a mais rumor do que conversa, mas pode — por outro lado — dar origem a que do buliçoso rumor inicial vão saindo voies que se descubram mais ou menos próximas e que aceitem nessa aproximação ou dispersão a base para um trabalho que é — afinal de contas e também — *uma experiência de democracia.*

Não vivemos em 1932, não vivemos em França. Esquecemos muitas vezes esse facto. Um diálogo como o de *Esprit* arriscava-se a ser em Portugal, 64, um longo, longo solilóquio. Uma forma de prazer solitário. O diálogo a ser tentado nestas geográficas e nossas coordenadas está — muita coisa o prova — por descobrir. A experiência O TEMPO E O MODO mais não é do que uma nova e aventureira tentativa. Todos deviam ter interesse em que ela não falhasse.

Cabe notar ainda — como escreveu um de nós — que o «diálogo nesta revista se processa dentro de si própria e com o público. Penosa e arriscadamente. Até nessa pena e nesses riscos a nossa experiência — esta magra experiência de um ano — é, por força das circunstâncias, muito diferente da processada ao modo *Esprit*.

2 — Revista de crentes e não-crentes. Eis um facto e eis uma lição — lição que vem de Emmanuel Mounier. Mas até nesse particular os tempos — e os modos — são outros e o que em 1932 era novidade nos anos do 2.º Vaticano e de João XXIII arrisca-se a ser quase lugar comum. Certamente que não era habitual entre nós ver uma revista *de um certo tom* inserir crónicas e artigos sobre o Concílio e as Encíclicas, sobre os Papas e os problemas da Igreja. Certamente que não era habitual entre nós ver revistas que davam realce a esses temas publicar também Gorz, Mamadu Dia, Fanon, João Chagas ou Burdeau, para só citarmos os estrangeiros. Mas convém que não se dê tal realce a este pormenor — que pormenor é — que se esqueça que já não vivemos num tempo em que esse sinal de crença era realmente sinal de nítida divisória entre os homens. Entre os colaboradores católicos de O TEMPO E O MODO é possível, sobre questões de ordem não religiosa, encontrar maior aproximação com colaboradores não-católicos do que com outros que com eles comunguem da mesma fé. E vive-versa.

Era talvez mais útil e fecundo focar as diversidades — ou até as reais divergências — que surgem entre os colaboradores de O TEMPO E O MODO sobre outros assuntos. Talvez fosse mais útil e fecundo notar

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

5

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

que também não era habitual entre nós ver uma revista *de um certo tom* inserir as *Elegias* de Rilke, inéditos de Agustina Bessa Luís, certo tipo de crítica, de arte ou de letras. Que também não era habitual entre nós ver as revistas que a esses autores consagravam o seu espaço publicar simultaneamente inéditos de José Cardoso Pires, ou estudos sobre Gomes Ferreira ou Rodrigues Miguéis. Isto para apenas citar um dos problemas que igualmente nos divide — e numa latitude que nada tem que ver com crentes ou não-crentes. E dessa divisão ficou o nosso número especial — algo de que nos podemos orgulhar e que julgamos não ter sido contribuição meramente negativa. O leitor compreenderá que seria delicado continuar a exemplificar, saindo das artes e das letras, para outros campos mais prosaicos e mais prementes, mas garantimos que as mesmas divisões — e o mesmo diálogo — subsistem.

Ver apenas uma dessas oposições — a da crença — e um desses diálogos pode ser ainda obra de confusão. O nosso tempo não se compadece com ela e abre a outras, porventura mais urgentes. O nosso modo tem-nas ultrapassado e processa-se — sobretudo — noutras e mais discutidas coordenadas.

3 — Apenas um apontamento ainda para sugerir que em relação ao quarto ponto acima tratado a propósito da Revista *Esprit* também a nossa posição é forçada e forçosamente diversa. E que também aí o diálogo se processa e sobretudo aí o acutilamos fecundo.

\*  
\*   \*  
\*

Ao longo deste artigo, sem mandato da Revista, como colaborador de O TEMPO E O MODO e estudioso de Mounier e de *Esprit* tentei dizer algo sobre o que se me oferecia da semelhança e diferença nestas duas experiências. Escusado será dizer que para alguns dos colaboradores da Revista Mounier e *Esprit* nada de particularmente atraente representam, que alguns — ou muitos — deles nada devem ou têm que ver com o personalismo.

Ficou-se ainda que esta restrição e as diferenças que apontei não procuram servir de base a uma qualquer originalidade, que a Revista pretendesse arvorar. São antes fruto da consciência que tenho de se tratar de caminho mais humilde — humildade até certo ponto imposto por via de um condicionalismo, até certo ponto característico do que é e pode ser uma experiência como O TEMPO E O MODO.

JOAO BENARD DA COSTA

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

6

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

#

Provas remetidas à Censura

em 29/3/64

Prova n.º 51

Saída em 28/1/64



~~gir facilmente um plano explosivamente colectivo, para lidar com multidões e para utilizar os actores não-profissionais com mão de mestre. O cinema de Rosi alterna uma imparcialidade impossível com o choque contínuo duma flagrante realidade, uma objectividade evasiva com o carácter necessário, fatal duma conclusão. Não afirmaremos que Rosi seja um «brechtiano» na medida em que o seu filme pretende levar o público a induzir qualquer coisa e não apenas a apreciar; já negar a construção dialéctica da obra nos parece tarefa menos fácil.~~

Cremos que o filme chega na altura própria para lembrar que a Itália não se reduz à «dolce vita» romana e aos industriais de Milão, que subsiste uma dolorosa problemática social ~~por resolver que tanto se pode verificar na Sicília como na Lucânia.~~

Há coisas neste filme que não se podem esquecer: a partida dos prisioneiros para Palermo, o início da fuzilaria do 1.º de Maio, os conciliábulos que antecedem a morte de Giuliano, alguns planos do tribunal. Que imenso trabalho de recuperação! Sim, Rosi não parou de recuperar para o cinema algo que ele parecia ter perdido: a potência de filmar autênticos homens num cenário autêntico com problemas reais. ~~Tudo isso significa rostos angustiados, ruas batidas pelo sol, violência, instabilidade, estruturas semi-feudais, ciclo infernal de terror e repressão.~~ Tudo isso significa que Danilo Dolci e Carlo Levi, longe de estarem errados, tinham razão: que é preciso criar ao sul da península condições de sociabilidade e de cooperação humanas em que o fantasma-Máfia não seja possível e os Giulianos não regressem.

JOSÉ VAZ PEREIRA

H

S/efeito até

crises  
R+

2 GOM  
GORTES

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO

Mantém-se o corte  
R+



PROF. VITOR MATOS E SA

O facto de já ter colaborado nas páginas de O TEMPO E O MODO insere-me, objectivamente, entre quantos aceitaram — através de uma responsável diversidade de perspectivas — «compartilhar o peso destas horas».

Por outro lado — e em face dos propósitos gerais com que a revista se inaugurou e se foi revendo — não me seria possível julgar da sua unidade (mesmo funcional) e dos seus limites (mesmo semânticos), sem ir ao encontro das objecções que os seus próprios editoriais anteciparam e, sobretudo, sem ter em conta (como eles tiveram) a sua principal razão de ser (ou de ser-outra): os vários factores responsáveis pela limitada frontalidade da expressão de um pensamento que se empenhe em intervir nos «concretos e urgentes» limites polémicos do contexto sociológico em que vivemos.

Algo sobrevive, porém, como motivo de renovada confiança nesta «experiência/de diálogo» a que aderimos: o facto de ela ir fomentando o mútuo conhecimento de inteligências e vontades que, de outro modo, continuariam isoladas nos seus esforços de perspectivação teórica e prática ou na sua dissolvente «inquietação inactiva».

Só os fanáticos, como bem observa Jean Lacroix (Le sens du dialogue, p. 125), não podem aceitar o diálogo, pois se «desconhecem tão totalmente como desconhecem os outros». E só o «falso devoto» se atribui as «vantagens suplementares» com que se julga dispensado de promover a livre adesão das consciências, através desse esforço dialógico, dessa operativa e lúcida «purificação» que já nos vem metódicamente oferecida num famoso diálogo platónico: «Por todas estas razões (...) devemos concluir que a refutação é a maior e mais eficaz das purificações, e que aquele que se furta a esta experiência, mesmo que seja o Grande Rei, está na maior das impurezas, tornando-se ineducado e grosseiro nessas partes de si mesmo em que é requerida a maior pureza e a mais perfeita beleza, se se quer ser verdadeiramente feliz» (Sofista, 230 d-e).

SERVIÇOS DE CENSURA  
AUTORIZADO  
GOM  
CONTINUA

S/epit.  
cont.  
R+

S/epit.  
cont.  
R+

H  
mantêm-se  
a cont. H  
R+

VITOR MATOS E SA  
Professor da Faculdade de Letras de Coimbra

LA



Provas remetidas à Censura

em 5/3/64

Prova n.º 83

Saída em 28/1/64



Chipre, contude, continua a sofrer por ser ponto estratégico. A razão que levou os ingleses, no final dos anos cinquenta, a resistir à revolta da comunidade grega foi a mesma que conduziu agora o Governo de Lord Home a proclamar que uma intervenção policial da O. N. U. demoraria muito tempo, e que a N. A. T. O. estava mais à mão. Como se a N. A. T. O. fosse uma instituição neutral.

~~Se Kruschef oferecesse a Makários os bons officios de uma força militar do Pacto de Varsóvia, acaso não se clamaria imediatamente, e com razão, que a U. R. S. S. se estava a aproveitar das circunstâncias? Sucedeu, porém, que Kruschef apoiou Makários no sentido de um recurso à O. N. U. Tanto bastou para «desacreditar» o arcebispo.~~

Já em Novembro último os Trabalhistas defendiam na Câmara dos Comuns a internacionalização do problema cipriota pelo recurso à O. N. U. Mas os britânicos preferiram o «sacrifício» de zelar a sós por uma paz que se mantinha precária precisamente em virtude desse zelo. E Makários tem novamente razão quando insiste em que só a revisão dos tratados de Londres e Zurique permitirá a paz em Chipre, ameaçada enquanto a possibilidade de intervenção nos assuntos internos da ilha se mantiver, por força deles, para a Grã-Bretanha, a Grécia e a Turquia.

Se os britânicos e americanos fossem injectados com o soro da verdade, diriam: «Não queremos que Chipre nos fuja completamente da mão porque tem valor estratégico.» Se a Turquia sofresse o mesmo tratamento, diria: «Não queremos a espécie de vitória grega que seria a absorção da minoria turca numa população cipriota independente.»

Makários continua a dizer que uma verdadeira independência é o único caminho para a paz na ilha. O soro da verdade não lhe alteraria o fio ao discurso.

M. C.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES



Provas remetidas à Censura

em 5/3/64... 103

Prova n.º 84

Saída em 28/1/64

O I FESTIVAL INTERNACIONAL DE ARTE CINEMATOGRAFICA DE LISBOA

ENTRE os dias 10 e 20 de Janeiro deste ano de 1964, a Casa da Imprensa organizou em Lisboa o nosso «primeiro festival internacional de arte cinematográfica». Nas páginas que servem de introdução ao programa do referido certame, lê-se que a Casa da Imprensa mais não pretendeu «do que prolongar a acção encetada com o seu Festival de Junho do ano passado<sup>1</sup>, propondo-se em qualquer dos casos chamar a atenção

<sup>1</sup> Em Junho de 1963 a Casa da Imprensa levou a cabo um festival de cinema que incluiu algumas obras exibidas entre nós nos últimos anos e que a crítica tinha assinalado.

do público para a importância crescente do cinema». Este modesto propósito inicial foi contudo, senão traído, pelo menos desviado, pela barulhenta e pouco esclarecedora propaganda feita à roda do Festival. A coberto deste título (que etimologicamente é tão aceitável como qualquer outro e é adequado às circunstâncias) generalizou-se, comparou-se e deu-se ao público a ilusão de que Lisboa ia ter «um festival internacional de arte cinematográfica», o «seu» festival, como Cannes, Veneza, Karlov-  
Very, Berlim ou mesmo San Sebastian. Esta ilusão foi docemente mantida, embora, para sermos rigorosamente justos, ela não possa ser assada à Casa da Imprensa.

No artigo anterior, onde Paulo Rocha marca os limites e importância dos chamados «Festivais Internacionais de Cinema». Bastará ler o que aí é escrito sobre a escolha dos filmes, os complicados jogos, combinações e influências, para compreendermos quão diversas eram as condições que assistiam a este certame. Nele não houve — nem realisticamente se podia esperar que houvesse — estreias mundiais, não houve obras ou realizadores, ou países que se propusessem, não houve júris internacionais, júris de escolha e admissão de filmes ou coisas quejandas (como acontece com os Festivais que se afirmou serem congêneres). Se as versões foram originais, (como é de regra) não foram integrais (contra todas as regras); a distribuição por países não foi nem equitativa nem proporcional (o que — vamos lá — acontece um pouco por toda a parte), mas mais do que isso ignorou certas cinematografias (a francesa por exemplo) e esteve longe de fornecer um panorama mais ou menos actualizado do que por esse mundo do cinema se passa (o que — vamos lá — é raro acontecer em qualquer outra parte).

Tudo se passou, pois, entre muros caseiros, com a Casa da Imprensa

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

S/feito este  
corte R-1

manten  
R-1



O TEMPO E O MODO—N.º 12

Provas remetidas à Censura

em 5/3/64

Prova n.º 85

Saída em 28/1/64

a decidir meter mãos a uma obra que corria por sua conta e risco — a Gulbenkian viria depois a assumir parte daquela e deste — e a percorrer distribuidores à cata de filmes que por aí jazessem com mais ou menos dificuldades de exibição. Alugou-se depois o São Luís, os filmes foram projectados perante um público que correspondeu largamente à iniciativa (como notaram os nossos jurídicos) — quiçá por que um truc publicitário fez correr que as películas escolhidas só lá correriam — e escolheu-se um Júri mais ou menos eclético (onde havia quem estivesse por direito próprio e muito bem e onde havia quem estivesse por direito alheio e muito mal) Júri que distribuiu larga cópia de prémios mui liberal e ~~mesocritamente~~ (*honny soit...*). Eis.

Eis contudo que — e o tom desta introdução já o dá a perceber — a propósito deste festival, dos filmes deste festival, da organização deste festival, muito se oferece dizer e que ele fornece o ensejo para repensar uma vez mais o fenómeno da cultura cinematográfica entre nós.

Que se comece, todavia, por saudar a Casa da Imprensa por uma iniciativa que, descontados quaisquer exageros que lhe não podem ser imputados e mau grado as deficiências que não seria justo calar, merece ser saudada e que representa — sem dúvida — uma boa pedrada no charco de tal cultura — ou incultura. Refira-se ainda — é a mais elementar Justiça que o exige — que este festival — que ainda há meia dúzia de anos atrás não ocorreria à mais audaciosa das cabeças — só foi possível — e com o êxito de público que inegavelmente teve — graças à acção que em prol da cultura cinematográfica se tem vindo a exercer ultimamente e em que a mesma e elementar Justiça exige que se dê a primazia ao movimento cine-clubista, ~~ou, mais propriamente, à epopeia cine-clubista. Um dia há de vir que a esse movimento se fará Justiça mais ampla, mas a ele se deve o muito — ou o pouco — que em matéria de cultura cinematográfica se vem fazendo entre nós e dele decorrem múltiplas iniciativas que se têm vindo a propor. Entre essas, justo é igualmente salientar o esforço do grupo que tem assegurado os Encontros de Cinema em Fátima e Santarém e que sob o impulso desse autêntico pioneiro que é o Padre José Vieira Marques tem vindo a exercer junto de escolas e liceus uma acção que — por muito ignorada que seja — será também, um dia, justamente enaltecida.~~

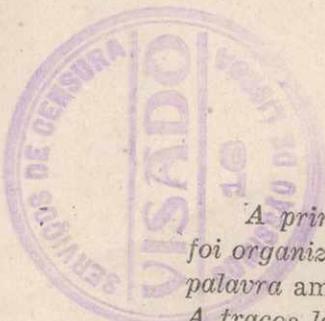
Postos estes considerandos extremos na análise do festival e ninguém se pode sentir melindrado se considerarmos minuciosamente as suas deficiências.

★

SERVIÇOS DE CENSURA  
AUTORIZADO  
(SÉDE)

5/febr/64  
RT

Valido só  
cont. a ver  
p. muito  
RT



A primeira e a última impressão que se pode colher do modo como foi organizado e concebido o Festival da Casa da Imprensa cabe dentro da palavra amadorismo. Não sabemos doutra mais exacta ou mais adequada. A traços largos pintámos na introdução um quadro algo sombrio. Esclareçamos-lhe as sombras e as luzes. Como foram escolhidos os filmes, dissemo-lo já. Não vieram obras propositadamente contratadas — com um certo esforço poder-se-ia pensar que tal seria possível — escolheu-se apenas entre a prata da casa, filmes já visados, já legendados, já distribuídos, com exibição já garantida. É esse o primeiro grande senão a apontar. Sabe-se — toda a gente o sabe — que muita obra importante — diremos mesmo fundamental — nunca veio ao nosso país. Umás por motivos de vária ordem, contra os quais nada pudesse talvez a Casa da Imprensa.

Herzfeld  
do a ent  
R. H. G.

~~Talvez — porque talvez fosse uma boa ocasião para lutar contra certos — e insuportáveis — condicionalismos.~~

Outras, simplesmente, pela simples razão de que são consideradas não comerciais. Não seria esta uma belíssima ocasião para encorajar os nossos distribuidores? Não seria esta uma belíssima ocasião para trazer tais filmes, que seriam protegidos na sua carreira pela garantia que o Festival podia fornecer? As respostas não oferecem dúvida e é de lamentar, sinceramente, que não tenha havido audácia ou iniciativa para tanto. Basta dizer que o maior realizador japonês — Kenjo Mizoguchi — permanece desconhecido entre nós, apenas por razões de ordem comercial. Que o mesmo sucede com outro dos maiores nomes do cinema: Carl Dreyer; com muitas obras de Rossellini, Bresson, Fitz Lang, para só citarmos alguns nomes maiores. E não seria uma boa ocasião para dar a conhecer obras representativas da mais moderna cinematografia francesa como Muriel de Alain Resnais, Feu Follet de Louis Malle, Bonjour Philippine de Jacques Rozier, Tirez sur le Pianiste de François Truffaut, Index de Georges Franju, etc.? E cito apenas esta cinematografia, porque é — den-

SERVIÇOS DE CENSURA  
AUTORIZADO  
COM  
S/efeito  
R.F.  
CORTES

~~Note-se que já não falamos de Godard, de tanto Chabral, de Chris Marker, que nunca vimos. Não por menor apreço, mas porque contra esses outros poderes mais altos se levantam. Mas talvez — cf. nota 2 — a Casa da Imprensa pudesse — mesmo nesses casos — pôr-se em bicos dos pés e, se não vencer, convencer...~~

tre todas as «possíveis» — a mais desconhecida entre nós e a que a organização do festival mais escandalosamente desconheceu.  
Nada disto se fez ou tentou. Recorreu-se ao que havia. Qual o cri-

S/efeito  
R+



no fundo, mesmo quando O negam preparando o reino de Deus.

Por isso é preciso integrar esta trágica e sempre constante ambiguidade: na etapa, a consciência da miséria dum mundo corrupto e decaído, e da grandeza de que este mundo está tocado pela Graça; no processo, a consciência de que tudo depende de nós e de que tudo depende de Deus; no objectivo, que aquilo que de nós depende e que não julgamos alcançar é ao mesmo tempo qualquer coisa que desde o princípio nos foi prometido.

Saber ser, ao mesmo tempo, imensamente lúcido para poder estar atento e actuante, e suficientemente mentecapto para estar tranqüilo e confiante.

Primeiro está a consciência da etapa que implica uma procura e uma presença entre o quotidiano e as grandes nostalgias. A nostalgia da Verdade e da Pureza que, por serem Verdade e Pureza na relação é, no fundo, a nostalgia do Amor. E, em paralelo, as grandes decepções do dia a dia. Decepções do nosso próprio comportamento que, mais do que praticar o mal, não vê porque rejeitar certas situações, sem saber a explicação de um seu certo sentido oculto. Daí esta estranha dialéctica entre o retorno à infância, à pureza inicial, e o mundo irreal, construído à medida dos nossos desejos, nomeadamente da nossa comodidade.

É natural que esta especial lucidez que irrompe num homem e o faz centro e motivo dum pequeno mundo exija dele um sobre-humano esforço de compreensão e formação. No caso de Guido o que o incomoda é o outro e é na sua relação com o outro que a sua vontade não consegue igualar a sua lucidez. Na verdade o outro incomoda quando a sua relação se processa em competição, quiçá em oposição, e não em simpatia e amor. E Guido é dos que exige do outro ou simpatia e amor gratuito, ou a imolação a si mesmo.

De resto vejamos o processo da infância: A criança é centro, é amada, — todos se apressam para a beijar, para a afagar, para lhe dar banho e ela nada mais dá do que a sua presença. A criança é acarinhada por existir Nada se lhe pede.

A adolescência indaga e entra em luta: um mundo de censura o espera. E o pecado da adolescência — como a mulher da praia, ao mesmo tempo horrendo e acolhedor — começa a abrir o caminho dum encontro por oposição que sempre o acompanhará.

Essa luta sente-se cruel na medida em que ela é travada geralmente ~~com as instituições mitificadas~~, com o arbítrio, com o irracional, com uma constante, embora respeitável, mediocridade, e, algumas vezes, com uma presença igualmente afirmativa e que pretende o encontro de igual para igual.

Esta é a razão profunda porque o contacto com o próximo, quando

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES



DULCINEIA

De Vicente Esuivé

IMPRESSÕES

J. V. P. — De acordo com o texto, Dulcineia é uma manta de retalhos... alheios. A sua «espanholidade» de tão forçada, de tão martelada, torna-se insuportável. Até porque estamos longe de Cervantes e longe da Espanha também, nesta Dulcineia que me parece a obra mais francamente plagiadora dos últimos tempos.

J. P. V. — Não acredito num clima de morbidez ao longo de A Noite. Mais do que tudo prende-me a este filme a sua lucidez dilacerante mas capacíssima de ir até ao fim ~~(na versão exibida no S. Luís tal facto não resulta claro)~~, para empurrar todas as barreiras até chegar a uma resposta humana a um acumular de interrogações quase destrutivas. Filme suspenso por um fio, tem a perfeição dessas máquinas que não podem sair nem por u mmilímetro dos seus carris. A utilização demagógica das palavras «angustia moderna» talvez passe a ter um sentido depois de Antonioni.

J. V. P. — Sou pelas comédias americanas com «cocktails» complicados, confusões de portas, automóveis comprados a prestações e alegria de viver. Gosto desse cinema como acho que se deve gostar dele todo — um pouco freneticamente. Quanto a certo «cómico» francês dá-me sempre a impressão que se está a mastigar um ensaio ou a carimbar uma filosofia. A comicidade é directa ou não existe e nada é mais lento que um «gag» de Étaix, anunciado com pre-aviso de 20 minutos como as chamadas telefónicas extra-urbanas. Os comentadores que se lembraram que havia um Tati associaram-o (com as correspondentes hierarquias de valores) a Étaix. Que diabo de maneira de exercitar a memória...

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
GORTES

